

# Como conseguir tocos para armoraria na sua vizinhança, gastando apenas um picolé de limão

Millor Levi / maio de 2004

## Resumo:

O artigo relata os vários métodos de conseguir tocos de madeira, muito necessários para uma armoraria (oficina para fazer armaduras), tendo um carro com maleiro razoável e R\$1.30, o valor de um picolé de limão. Mostra em detalhes como identificar as fontes de tocos, os melhores tocos apropriados, como extraí-los e trazê-los em segurança para seu novo lar.

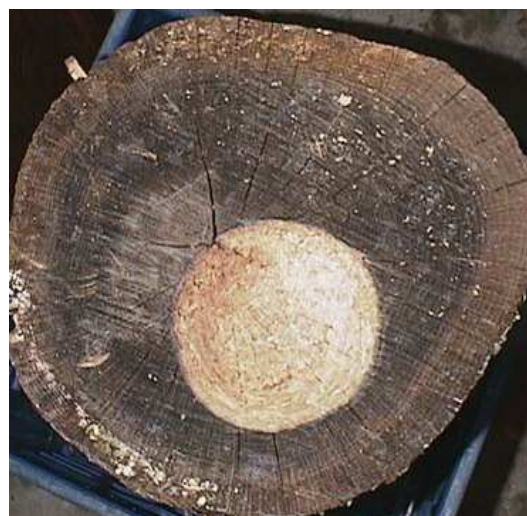
## Introdução:

A arte da confecção de armaduras é algo apaixonante, vibrante, paciente e muito recompensador. Isso todo mundo sabe. Entretanto é uma atividade extremamente cara. Saindo das cotas de malha não rebitadas, as ferramentas necessárias para trabalhar chapas, couro, madeira, rebites etc vão crescendo exponencialmente em custos, a começar por uma das mais básicas, a bigorna. Citando Steve Sheldon – renomado e excepcional armareiro - “fazer armaduras pode ser um hobby extremamente caro”.

Quando você não é rico e acha que uma armoraria é um excelente lugar para depositar uma parcela de sua fortuna, o jeito é improvisar. O amor à arte acaba, às vezes, enveredando por caminhos escusos, e um dia você pode descobrir que além das características supracitadas o trabalho de um armareiro pode ser cheio de adrenalina.

O objetivo desta vez era conseguir tocos de madeira para servirem de “dishing stumps” (fig. 01). Estes são

formas curvas em baixo relevo feitas para martelar chapas de aço planas em côncavas.



*Fig 01 – “Dishing Stump” do mestre Ben Schenkman.*

Existem alguns métodos de se fazer estas ferramentas, alguns envolvem extintores de incêndio. Um dos mais baratos, porém trabalhoso, é usar tocos de madeira e esculpir a esfera. Foi este o método escolhido. Faltavam os tocos.

Descrição:

### **Sobre a primeira aventura com tocos.**

Até uns meses atrás, pensávamos em conseguir tocos como alguém despreziosamente pensaria: Vamos até um lugar que vende isso e compramos. De fato, nosso primeiro toco – um belo exemplar de eucalipto para apoiar nossa primeira bigorna – foi adquirido deste modo. Não foi senão um tempo depois que meu amigo Philipp Stewart comentou que achara uma ruazinha perto de nossas casas que tinha uma porção de madeiras ali no chão, em frente a uns barracos. Possivelmente, os caras dos barracos vendiam tocos mais baratos que o outro lugar onde compráramos, dado o aspecto mais rudimentar do local, além das madeiras estarem de fato na rua.

Na época, precisávamos de mais uns tocos para apoiar outras duas bigornas - recentes aquisições – e nos doía pensar em gastar mais “dinheiros” em apoios.

Num ímpeto, chamei Stewart para, naquela hora mesmo – duas da manhã – darmos um pulo no tal lugar a fim de vermos se existia algum toco interessante e entender que lugar era aquele, onde as madeiras ficavam na rua.

Tudo aquilo era verdade e mais, estavam tratando aquela madeira muito mal. Vários troncos empilhados, misturados a terra e outros tantos **queimados!** Absurdo (fig. 04). Diante deste matadouro, nos condoemos com os míseros tocos e resolvemos levá-los de prontidão, para salvá-los de mais abusos. Além do mais, eles estavam no meio da rua, sem muros ou portão, não era propriedade de ninguém.

O resumo desta aventura você pode ler no *Apêndice I*, ao final do artigo.

### **Preparativos para a segunda aventura.**

Chegamos finalmente ao recente relato, quando Erick e eu resolvemos sair para conseguir tocos para fazer os “dishing stumps”.

Por volta destes dias, eu passei em frente ao ponto de táxi aqui do lado de casa e vi uns tocos na rua, colocados pelos taxistas para servir de banquinhos. Perguntei onde eles conseguiram, no que me disseram que um prédio ali perto podara várias árvores e os tocos estavam em frente à disposição. Corri lá, mas não havia mais nenhum. Que mer...

Quando o Erick me chamou para arranjarmos tocos, falei sobre o ponto de táxi, e em como poderíamos pegar emprestados sem avisar e sem previsão de devolver algum daqueles banquinhos. Poxa, os caras já têm um bancão enorme do próprio ponto, mais três tocos que pegaram de graça do prédio, além do velho argumento de que os tocos ficam na rua, fora da propriedade de ninguém.

Tá, aquilo não parecia a coisa mais legal do mundo, mas era uma excelente causa, sem causar nenhum mal para ninguém.

### **Primeira vítima.**

Lá fomos nós, meia noite e meia, com o carro dele (o meu quebrou), e encostamos no ponto de táxi, que estava vazio. Aqui vale um parêntese: O ponto de táxi fica exatamente em frente a um posto de gasolina Shell, aberto 24h. Isso quer dizer que qualquer um dos frentistas poderia muito bem ver o que estaria por vir, e isso não seria nada legal.

Não podíamos dar bandeira, e só pensamos nisso quando já estávamos ao lado do toco. Se não agíssemos rápido, nossa atitude já ficaria denunciada (quem pára num ponto de táxi vazio e fica ali sem fazer nada?).

- Já sei, vamos pegar um sorvete e ficamos aqui sentados chupando. Tiramos

a suspeita de cara e, depois de um tempo, ninguém vai mais olhar para a gente.

Erick concorda com a idéia, e lá vamos nós para a loja de conveniência do posto comprar o picolé mais barato. Pego um de limão, meu preferido. Erick fica com um de abacaxi. R\$1,30 cada um. Atravessamos a rua e ficamos lá, apreciando nossos sorvetinhos enquanto medíamos no olhar cada uma daquelas belezinhas (fig. 02).

- E esse, será que é pequeno?

- Não, parece bom, mas tem esses pregos na lateral, vai que arranha meu carro.

- O outro está um pouco torto, fora que este está até de pé e parece ser o menos usado.

- Tá, vamo nesse mesmo.

O sorvete acaba. Palitos ao lixo. As mãos livres para o crime. Mas a cena que se sucede é muito engraçada e impossível de passar em palavras. Erick dava uns “chutinhos” no tronco tentando fazê-lo tombar enquanto olhava de soslaio para os frentistas que pareciam não estar nem aí. Me lembrei da pantera cor de rosa, não sei porque. Ele continuava nos seus “chutinhos” e estava tão estampado em sua cara “Estou fazendo algo errado” que era bem provável alguém notar o que estávamos fazendo desse jeito antes do que se pegássemos o tronco na mão e saíssemos com ele de baixo do braço.

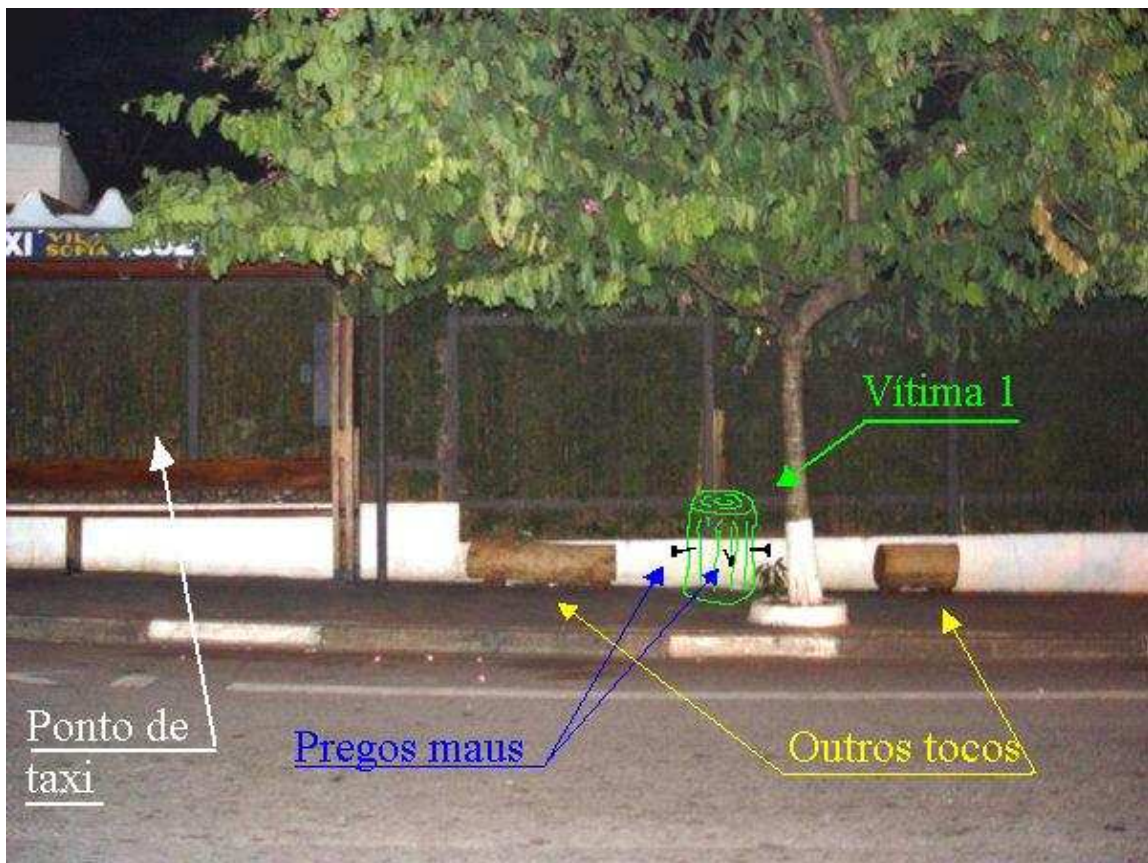


Fig 02 – Local do crime 1.

E o pior que o tronco bamboleava, girava, mas não caía. A cena era hilária e

quase não me agüentei. Chegou um momento que o tronco tombou, o que só

piorou tudo. Por causa dos citados pregos na lateral ele foi rolando todo desengonçado enquanto eu e Erick tentávamos pará-lo e guiá-lo para seu destino. Depois de tudo isso, fazendo barulho, correndo atrás do tronco, chutando, pisando, eu tinha certeza de que havíamos sido desmascarados. Mas os frentistas continuam lá, lavando o chão, varrendo – como fingem bem, estão só esperando para nos pegar no flagra.



Fig 03 – Rua do crime 1 e um empolgado.

Chegou a hora. O tronco no pé do carro. O porta-malas se abre subitamente, arremessamos o bagulho dentro, batemos num estrondo (chamando mais atenção impossível), entramos no carro e ganhamos a rua. Vitória!! Puf, Pla, Pum.

- Aiiii, meu carro, caralh...

O tronco, cheio dos pregos, vai ribombando lá atrás e só imaginamos o estrago.

Erick pára numa pracinha para a gente ajeitar os pregos. Com muito

esforço bicamos eles até entortarem e quase abrimos os tênis.

- Erick, ERICK! Eu tô ligado que nesse bosque tem uns troncos de banquinhos também, o que acha de darmos uma volta.

### **Bosques, formigas e guardinhas noturnos.**

E lá vamos nós. Algumas voltas, vários troncos muito grandes, que pena. De repente avistamos um que parece excelente. Descemos do carro e dou uma testada nele sacudindo com o pé. O tronco era um formigueiro e começa a sair formigas por todas as suas ranhuras. Sem chance.

E não é que avistamos um menorzinho ao lado de um poste, possivelmente um banquinho. Resolvo descer enquanto o Erick fica no carro. Se o toco não estiver enterrado ele abre o porta-malas e eu arremesso para dentro.

Quando estou preste a dar um chute para testar, vislumbro um guardinha me olhando do outro lado da rua. Realmente, porque alguém desceria de um carro e pararia numa esquina. Na hora nada me ocorreu a não ser: - Não cara, parece que não caiu nada no chão, não – digo bem alto, para o guardinha ouvir com certeza – podemos ir, foi só impressão. Ficou horrível, eu sei, nestas horas a gente fala cada mer...

De volta ao carro, esquecemos a pracinha e resolvemos dar uma passada naquela rua dos barracos e dos troncos no chão. Estava meio relutante de voltar lá, já que da outra vez eu e o Philipp passamos grandes apertos com cachorros e minha mão ficou amassada (ver *Apêndice I*). Não importa, vamos lá.

### **Cão que ladra não morde.**

Novamente, diante daquela cena de horror, o coração aperta por ver toda aquela madeira sendo mal tratada. A

fumaça estendendo a luz dos faróis denota que queimaram madeira, confirmado pelas cinzas e pelas silhuetas

carcomidas de alguns tocos jazidos na terra – poderiam ter feito um enterro decente pelo menos, malditos!!! (fig. 04).



Fig 04 – O grande “simitério” de tocos.

Com fúria no olhar, procuro algum sobrevivente que ainda pode ser salvo. Tinha uns enormes, que afundariam o barco – “mal aê carinhas, vou ficar devendo, mulheres e crianças primeiro”. Mas eis que vejo um mediano, próximo de outro menorzinho. Erick faz a volta para entrar de ré, a fim de aproximar o maleiro dos alvos. Deço do carro e, confiante, me dirijo para o terreno empedernido.



Fig 05 – Zoom do “simitério” com toda a topologia do lugar.

Aqueles barracos (fig. 05), daquela distância, adquiriam um aspecto ciclópico ameaçando o despertar de seres Lovecraftianos. Qualquer um poderia estar nos vendo por aquelas aberturas – não, aquilo não eram janelas.

Um, dois, três passos. O ambiente umbrático lançava temores para um quarto. Quando não é a úmbrria é o latido de um cão. Auuu. O bradar canino irrompendo o silêncio foi um baque que me fez pular nos calcanhares. Mais ainda quando um enorme cachorro SOLTO sai das cinzas (algo como a Fênix) e vem latindo na minha direção. Sem pensar em nada, o corpo toma atitudes por si só: meia volta e dar o fora.

A cabeça gira para trás para olhar o perseguidor. Hum, até que o cão não é tão grande. Tá, ele é de fato pequeno. E o que eu estou fazendo correndo de um cãozinho desses. Enfrenta, Enfrenta, Enfrenta – era a mente brigando com o corpo, tentando assumir o controle. Momentaneamente ela vence, e viro-me imponente para peitar o maledeto.

O cão pára sobre o toco sem parar de latir, mas parece que ficou com medo também. Ensaio uns passos em sua direção e ele mostra fraqueza. Vou ganhando espaço e me aproximando dos casebres. A visão vai fraquejando o coração, enquanto a mente racional associa latidos altos e demorados com pessoas acordando e saindo de barracos com espingardas na mão.

Ai ai, esquece, é melhor ir embora. Recuo um passo. A mente tenta resistir: - Você chegou até aqui, já fez tudo isso, vai sair de mão abanando?

Olho para baixo, o toco pequeno está a poucos metros. Ahh f...-se, vamo lá. Uma corridinha, agarro o pequeno que implorava pela salvação, o cachorro brada mais alto, as pernas se agitam em um movimento coordenado de “salve-se quem puder”. Abro a porta do carro - que

porta malas que nada, entro de toco e tudo no banco da frente. Erick pisa no pedal da direita e deixa os temores para trás. Podemos comemorar.



Fig 06 – “Cristóvão Pereira”, simitério de tocos – malditos!!

### Terceira e última vítima.

Já a caminho da casa do Erick, ele me mostrou um lugar onde havia visto uns tocos outro dia, mas não estavam mais lá. Resolvemos dar uns passeios pelo bairro. Quem sabe não achávamos outros deste tipo.



Fig 07– Rua do crime 3.

Percebemos, depois de pouco tempo, que vários guardinhas de ruas usavam tocos para se sentar. Bom, é meio sacanagem catar os bancos dos guardinhas. Mas tinha uma esquina que, na boa, tinham 3 tocos e uma cadeira. Este guardinha estava esnobando.



*Fig 08 – Caça-Tocos em ação, avistando a vítima 3.*



*Fig 09 – Local do crime 3.*

E além do mais, não tinha NENHUM guardinha na guarita. E além de tudo isso, tinha um toco PERFEITO dando sopa (fig. 08 e 09). Hum, é para uma boa causa. Paramos. Com a experiência adquirida com as outras duas conquistas, fomos rápidos e precisos. Em 1 minuto o toco repousava ao lado de seu colega no maleiro.



*Fig 10 – Carro carregado, preparando para esvaziar as armadilhas.*



*Fig 11 – Erick também não contém a emoção*

### **A aventura termina com fotos.**

Finalmente, chegamos na casa do Erick com um ótimo resultado depois de um dia de caçada aos tocos. Com a máquina digital dele registramos o momento que descarregamos o carro (fig. 10, 11 e 12), e depois o momento feliz do dever cumprido (fig 13).



*Fig 12 – Tava pesadinho.*

Ainda sobrou pique para voltarmos em cada uma das cenas do crime e tirarmos fotos para poder escrever este artigo que, se não ajudar alguém a conseguir tocos para armoria, espero que tenha ao menos o divertido.



*Fig 13 – Nós e as belezinhas, só faltou hidromel.*

## Conclusão:

Depois de toda essa aventura, aprendemos algumas coisas. A primeira é que o trabalho de um armareiro pode ser cheio de adrenalina, bastando para isso não ter dinheiro para comprar tocos. A segunda é que, mesmo se tivesse dinheiro, é sempre mais divertido trocá-lo por aventuras.

Também aprendemos que achar tocos não é tão difícil assim, dê uma volta pelo seu bairro e comece a perceber os assentos dos guardinhas. Eles estão o tempo todo lá, mas às vezes nem notamos. Eu queria mesmo saber da onde que os guardinhas todos arranjam seus toquinhos. De fato, uma ou outra esquina estará esbanjando (com uns 3 tocos e uma cadeira, por exemplo) e, por um estranho motivo, não haverá ninguém na guarita. Nesta hora, você pode agir. Outra opção com mais gastos, cerca de R\$1,30 – um picolé de limão -, são os pontos de táxis com banquinhos sobrando e que, invariavelmente, ficam ao lado de postos de gasolina 24h. Uma certa malícia será necessária nestes casos e, preste atenção, controle-se para não rir. E também fique atento aos pregos maus.

Agora, se você quiser viver momentos do mais puro desafio e emoção, dê uma passada na rua Cristóvão Pereira lá pelas duas da madrugada e tente salvar um daqueles pobres toquinhos, fadados ao fogo e terra – e urina de cachorros, ahhh malditos!!!

E lembra-te, se tudo o mais falhar e ainda assim precisas de um toco para armoraria...

**...CHAMA OS CAÇA-TOCOS.**

## Música tema dos Caça-Tocos

Coloque a trilha dos Ghost-Busters e cante a letra.

Log-Busters!  
If you want some wood in your neighborhood  
Who you gonna call?  
Log-Busters!  
If you need some logs but are afraid of dogs  
Who you gonna call?  
Log-Busters!  
I ain't afraid of no dogs (Latidos ao fundo)  
I ain't afraid of no dogs (Latidos ao fundo)  
If the bark is wet and the core poor bad  
Who can you call?  
Log-Busters!  
Then a sudden watchman ruins out your plans  
Oh, who you gonna call?  
Log-Busters!  
I ain't afraid of patrols (som de sirene ao fundo)  
I ain't afraid of patrols (som de sirene ao fundo)  
Who you gonna call?  
Log-Busters!  
The stump don't come, pick up the phone  
And call  
Log-Busters!  
I ain't afraid of no dogs  
I hear they pee in logs  
I ain't afraid of patrols  
Yeah, yeah, yeah, yeah  
Who you gonna call?  
Log-Busters!  
If you're in need of pretty logs baby  
You'd better call  
Log-Busters!  
Let me tell you something  
Ice-cream makes a good lure  
I ain't afraid of no dogs  
I ain't afraid of no huts  
Don't get caught in cab stand  
Log-Busters!  
When they all are gone  
And you still want some more  
I think you better call  
Log-Busters!  
Ow!  
Who you gonna call  
Log-Busters! (Repeat to fade)

## Agradecimentos:

Agradecimentos especiais aos meus colegas caça-tocos: Erick Đikola (Sergio Marquart Roma), Philipp Stewart (Aratan Lambert Brasil de Carvalho) e Geléia e suas respectivas mães por tê-los gerado “cheios” de saúde. Valeu carinhas, vocês são incríveis.

Agradeço aos membros de Silvarium, ao pessoal da lista Medieval-Brasil, e aos meus amigos medievais, em especial: Queen, Nanis, Renato, Erick, Phillip, Thelus, Ana, Hellequien e Davidain que estão sempre presentes e dando o sangue para Silvarium acontecer. São vocês que me mantêm motivado, e espero retribuir de algum modo.

Um agradecimento reforçado ao Hellequien e a Queen, que doaram suas casas para a construção de nossas oficinas e têm que ficar aturando o cantar das bigornas até tarde da noite. Sem vocês não seria nem necessário este artigo.

Por último, e não menos importante, um grande agradecimento ao meu pai – Roberto Spinelli -, que começou zombando quando, há muito tempo atrás, disse que faria armaduras e hoje se empolga comigo e me ajuda em tudo que preciso.

**Meu muito obrigado a todos vocês!**

## Apêndice I:

*Este texto foi um e-mail que escrevi relatando minha primeira aventura com troncos junto com mestre Philipp. A propósito, Aratan e Philipp são a mesma pessoa:*

Caras, vcs não tem noção da aventura que foi conseguir estes dois troncos. Foi muito divertido também. Uma pena que tive infortúnios, dois dedos da mão esquerda ainda não respondem quando tento dobrá-los.

Quando eu cheguei na casa do Aratan, ontem, ele explicou onde e como era o lugar. A descrição é a mesma que ele já tinha postado. Vale a pena dar um refresco:

"Tem um lugar que eu achei do lado de casa (naum, naum é o mesmo!) que tem madeiras deste calibre tb... pode ser mais caro, mais barato ou a mesma coisa, mas naum custa perguntar... é na Viscente Rao ao lado na concessionária da NISSAN... a única coisa ruim é meio bocada... os carinhas q vendem a madeira moram ali mesmo nuns barracos e pah...".

Devo dizer que nosso querido TanTan foi bem generoso. É incrível como pode existir isso em São Paulo. No meio da Vicente Rao, encostado numa concessionária, perto de um posto, de um Vaspex, bem ali mesmo, se encontra uma misteriosa ruazinha onde termina o asfalto (é sério) e surge nessa lúgubre alcova um casebre acompanhado de muitos e muitos troncos jogados descuidadamente por sobre o terreno. Mais alguns passos corajosos neste Vietnam improvisado e se escondem mais meia dúzia de barracos.

Enfim, pedi a Tan para vir comigo mostrar o lugar, apenas mostrar sabe, para que eu pudesse voltar outro dia e comprar nosso toquinho de amarrar jegue. Me espantou sua reação:

- "Ahh, eu sei que vc vai querer pegar o toco e vai me convencer a fazer junto com você".

É incrível como meus amigos me conhecem, sou totalmente transparente. Diante desta posição defensiva adotada pelo ser em questão, fui obrigado a utilizar minhas técnicas de suscetibilidade desenvolvida por anos e anos sendo o Baitolo-Mor Papa Sereno Grão-Vizir Visionário Plus 2 com Tudo em Cima. Rapidamente, Aratan (que será chamado de "vítima" nas cláusulas procedentes) foi sendo obrigado a se sentir parte das ações que, naquele início de noite de uma pacata terça feira setembrina, tornar-se-iam um grande marco na luta por uma forja na faixa (vale dizer que já está agendado as próximas conquistas: pegar emprestada sem data de devolução a onipotente bigorna centenária que habita uma pracinha de Campos do Jordão; e o confisco das lendárias ventoinhas da Acesita que, sabemos, não estão declaradas no imposto de renda da mesma).

Saímos da casa da vítima com o jipão previamente preparado para comportar o bagulho - o banco de couro debruçado ao máximo liberava um bom volume no porta-malas. O caminho realmente era curto, e em menos de 5 minutos virávamos a direita naquela ruela ímpar e solitária, praticamente um oásis, e divisávamos a arquitetura tétrica e macabra dos barracos na meia luz de peçonhentas lamparinas que lançavam sombras ululantes, prefaciados pelo nosso objeto de desejo, madeiras e mais madeiras, todas maltratadas pelas bizarras criaturas que habitavam aquele outeiro senil.

Dos barracos mais distantes, apenas a mais sutil silhueta era visível, o que criava uma atmosfera temerosa pelo desconhecido, pelo invisível, pelo

intangível. Entretanto, com a determinação forjística liderando o pensamento, afastamos o tremor enquanto lançávamos o farol alto em direção às madeiras, ansiosos pelo toco perfeito. Era difícil dizer, um amontoado de troncos que desafiavam a aferição visual. Era necessário descer e tocar de fato.

Virei o carro de ré (para facilitar a recepção do bagulho) e, desse jeito, adentrei o estranho terreiro. Sem a ajuda dos faróis, o ambiente adquiria um aspecto mais denso e desafiador. Mas era necessário fazê-lo. O coração de um homem é mais empedernido, as palavras de Stephen King – “simitério” de bichos - retumbavam em minha mente. Desci confiante, passos decididos. Caminhei por aquele jardim de tocos atentando pelos detalhes. Muito pequeno, muito grande, irregular, ESSE. Parecia bom, mas teria que aplinar um lado. Nossa, mas parece ser pesado. Vou dar mais uma olhada. Não longe dali, havia outro toco de diâmetro menor porém bem aplinado e comprido. Fiz sinais para que TanTan abrisse o portamalas, aquele eu já ia garantir.

Com bastante força, carreguei a criança no colo e a coloquei para nanar no jipão. Mas ainda estava obcecado por aquele outro, maior. Será que caberia no carro, será que não estava preso debaixo dos outros tocos? Só havia um meio de descobrir.

A esta altura a adrenalina pipocava no sangue e a cada baque do toco caindo na terra, esbarrando no pára-choque, caindo dentro do portamalas era um calafrio a mais para a coleção. Não demorou em ouvirmos latidos vindo da região além da visão. O latido não parava. "Vamos Tan, vamos rolar este tronco rápido". Mas estava realmente preso sob outros troncos. Juntando toda a força que me restava, segurei nas borda e puxei. Uma, duas, três, dez... moveu. Lentamente, despertando de um sono pesado, o tronco

foi cedendo, rebolando e rolando para fora de sua cama. Mais uns dez empurrões e ele já se apresentava perante o jipão. "Tantan, vc vai ter que erguer comigo isto aqui".

Agora sim, tivemos que fazer toda a força que a adrenalina proporcionou. E bota adrenalina nisso, pois se juntaram ao coro vários outros cachorros que facilmente teriam acordado todos os barracos da região. Eles não paravam de latir, e era bem capaz que tivessem alguns soltos, prontos para nos pegar.

O toco subiu no ar, embicou no porta-malas e... estacionou no pára-choque. Era preciso mudar de ângulo para empurrar. O apoiamos nos joelhos enquanto eu mudava de posição para fazer a força necessária. Blum-blum, ameaçou bem na porta, fingiu que ia entrar, que ia encalhar, mais um empurrão e BLUUUUNMMM. Ele entrou no portamalas, fazendo um enorme barulho. Acho que foi nessa hora que ele deve ter rolado por sobre meus dois dedos criando a contusão que ainda não passou. Mas na hora a gente nem sente essas coisas, a necessidade de sair rápido dali falava duzentas vezes mais alto.

De volta ao volante, Tantan no outro banco. As chaves, cadê as chaves. Mer.. de bolso da calça jeans. Ligou. Sai em carreira, ganhando a avenida.

Ainda penamos muito para tirar os tocos do carro. Mas nesta hora o Iraê ajudou.

Aqui está o relato de uma aventura para entrar nos feitos de Silvarium :o)

Gente, deixa eu ir dormir, tô caindo de sono.

Espero que tenham se divertido.

Abraços  
Millor Levi.